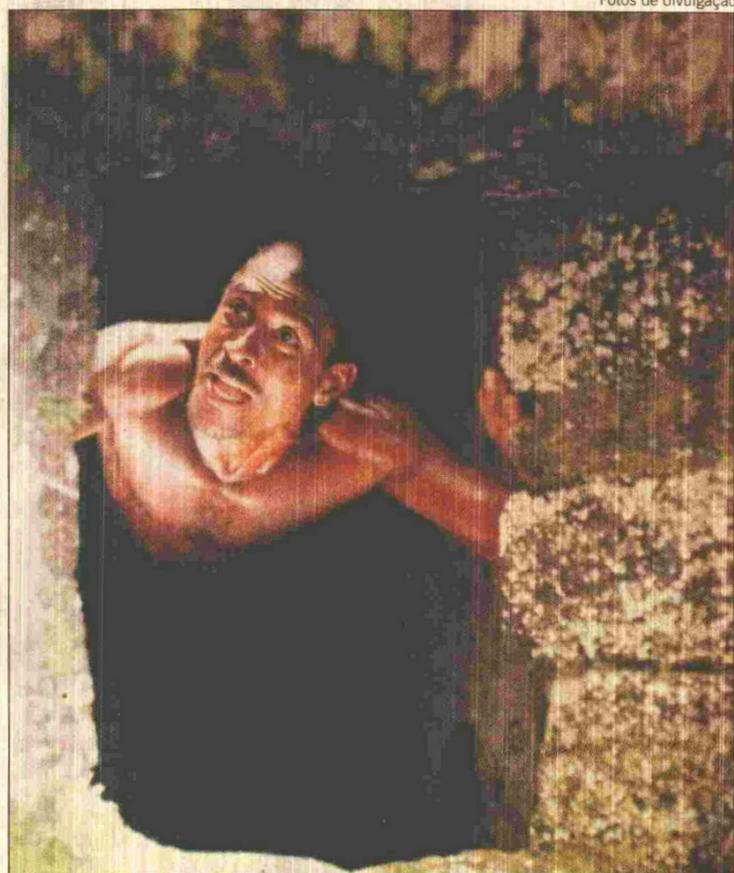


Brasília volta aos trilhos

Festival tem mais participantes, seis deles estreantes, e deixa para trás prêmios exóticos



KADU CARNEIRO em "Cruz e Souza, o poeta do desterro", de Sylvio Back



JOSÉ DUMONT (à esquerda), que ganhou o prêmio de melhor ator no ano passado, interpreta o Padre Cícero em "Milagre em Juazeiro", primeiro longa-metragem do diretor cearense Wolney Oliveira

Eduardo Souza Lima

Em sua 32ª edição, o Festival de Brasília, parece ter voltado aos eixos. O evento, considerado hoje pela classe cinematográfica o mais importante do gênero no Brasil, depois da internacionalização de Gramado, teve a sua reputação arranhada no ano passado pela decisão do júri de inventar prêmios exóticos — como melhor letreiro de abertura e melhor colagem antropofágica — em detrimento das tradicionais categorias de montagem, roteiro e fotografia. Este ano, garante a secretária de Cultura do Distrito Federal, Maria Luiza Dornas, não haverá excessos de criatividade:

— Soube que a decisão do júri do ano passado desagradou a muita gente e este ano voltaremos ao formato antigo.

Brasília também cresceu. Até o ano passado, oito longas-metragens entravam na competição do festival. Este ano, são 12.

— Houve ano em que não tivemos nem seis filmes em competição — diz Maria Luiza. — Este ano, tivemos 19 inscritos. É um reflexo do crescimento da produção nacional. Além disso, eram filmes de boa qualidade. Foi uma sugestão da comissão de seleção aumentar o número de competidores.

Entre os curtas-metragens, 12 concorrem na categoria 35mm e 34, na 16mm. Na cerimônia de abertura, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Claudio Santoro, será exibido

o média-metragem inédito "Encantamento", de José Sette, seguido da apresentação da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. As mostras competitivas começam amanhã. O festival vai distribuir R\$ 200 mil, entre prêmios oficiais e extra-oficiais. O filme escolhido pelo júri oficial vai ganhar R\$ 50 mil; o do júri popular, R\$ 10 mil; os melhores curtas em 35mm levam R\$ 10 mil (júri oficial) e R\$ 5 mil (popular). Dois curtas em 35mm vão ganhar o Prêmio Aquisição Canal Brasil, de R\$ 5 mil. O canal por assinatura da Globosat e Net também vai cobrir todo o evento, além de ter preparado uma programação especial de filmes que ganharam Candangos.

Metade dos competidores do festival são diretores estreantes

Entre os 12 longas-metragens concorrentes, seis são de diretores estreantes. Luiz Villalça, Flávio Cândido, Aluísio Didier, Wolney Oliveira, Erik de Castro e Andrucha Waddington competem com veteranos como Eduardo Coutinho, João Batista de Andrade, Sylvio Back e Júlio Bressane. Andrucha poderia ter participado do festival no ano passado: seu "Gêmeas" seria um dos episódios de "Traição", da Conspiração Filmes, que ganhou cinco Candangos.

— Tivemos que tirá-lo do filme, pois ficaria muito longo — explica o diretor. — Graças à co-produção com a Globosat e a Casablanca, fizemos o longa, que foi rodado na raça, em três semanas. Minha expectativa é mais pelo evento em si, o primeiro contato com o público, do que pela competição. O

espírito do festival é o de comungar obras.

Flávio Cândido também rodou "A terceira morte de Joaquim Bolívar" na raça. Mas em vez de três semanas, levou três anos.

— Tentei fazer cinema mesmo antes de me formar na UFF em 85 — conta Cândido. — O argumento do filme, por sinal, saiu de um roteiro de curta recusado pela extinta Embafilme. A idéia é retomar o discurso, tanto na prática quanto na teoria, do Cinema Novo. Minha intenção é mexer com o público. O de Brasília é muito participativo, o que me deixa ainda mais animado.

Reafirmando uma tendência da atual safra, quatro dos filmes em competição são documentários: "Santo forte", "Senta a Pua!", "Um certo Dorival Caymmi" e "Milagre em Juazeiro", do cearense Wolney Oliveira.

— Não é um fenômeno só brasileiro. É uma decorrência do crescimento das TVs por assinatura e da sua aproximação com o cinema — diz Wolney. — Para mim, já é uma vitória estar entre os selecionados. O meu filme é o único fora do eixo Rio-São Paulo-Brasília. Mas acredito que, se o Padre Cícero quiser, posso ganhar uns prêmios.

Um ás na manga Wolney tem: José Dumont, o Padre Cícero do seu filme, é um papão de Brasília. O Candango de melhor ator do ano passado, inclusive, foi para ele. E o grande homenageado este ano será Glauber Rocha (1939-1981). Além de uma exposição sobre a sua obra, serão exibidos no festival "Deus e o diabo na terra do sol", "Terra em transe" e "A idade da Terra", que compõem a sua "Trilogia da Terra". ■

▶ A mostra competitiva

Dia 24

- "O tronco", de João Batista de Andrade
- "Por trás do pano", de Luiz Villalça

Dia 25

- "Cruz e Souza, o poeta do desterro", de Sylvio Back
- "A terceira morte de Joaquim Bolívar", de Flávio Cândido

Dia 26

- "Gêmeas", de Andrucha Waddington
- "São Jerônimo", de Júlio Bressane

Dia 27

- "Hans Staden", de Luiz Alberto Pereira
- "No coração dos deuses", de Geraldo Moraes

Dia 28

- "Um certo Dorival Caymmi", de Aluísio Didier
- "Milagre em Juazeiro", de Wolney Oliveira

Dia 29

- "Santo forte", de Eduardo Coutinho
- "Senta a Pua!", de Erik de Castro